

MIGRAÇÕES E OUTROS DESLOCAMENTOS: PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO

Geni Rosa Duarte
Robson Laverdi ¹

Resumo: Este artigo procura situar pesquisas que se desenvolvem no interior da Linha de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades, do programa de mestrado em História, Poder e Práticas Sociais, em torno da discussão de migrações. A partir do colóquio realizado em abril deste ano, reunindo também um grupo de pesquisadores argentinos, foi possível discutir perspectivas comuns de investigação, apontadas aqui em articulação com as desenvolvidas pelos pesquisadores do programa da UNIOESTE.

Palavras-Chave: migrações, Argentina, oeste do Paraná.

Abstract: This article intends to point out some researches developed inside the Cultural Practices and Identities Approach of History, Power and Social Practices Máster Gradee Program, concerning to the issue of migrations. Taking as base the meeting realized last April, congregating an Argentine researcher group, it was possible to argue common perspectives of inquiry, pointed here together with those developed by UNIOESTE program. researchers.

Keywords: migrations, Argentina, west of Paraná.

No interior da Linha de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades, a partir dos projetos desenvolvidos por docentes e mestrandos, bem como dos diálogos com pesquisadores de outras instituições do Brasil e da Argentina, estruturou-se um campo de reflexão abarcando discussões sobre migrações e deslocamentos em diferentes regiões e situações. Esse campo de reflexão resultou na realização do colóquio *Migrações e outros deslocamentos no Oeste do Paraná e na Argentina: diálogos e aproximações*, entre os dias 17 e 20 de abril deste ano, envolvendo também pesquisadores de três universidades argentinas, que se dispuseram a debater conosco as suas e as nossas investigações. Nessa direção, foi possível situar pontos de aproximação com nossas perspectivas de pesquisa sobre experiências de migração nas regiões oeste do Paraná e nas regiões fronteiriças com Paraguai e Argentina.

A proposta compartilhada conosco por esses pesquisadores argentinos, portanto, abriu possibilidades de constituir um campo possibilidades plurais no escopo deste projeto resultando num intercâmbio do Laboratório de

¹ Professores do Curso de Graduação em História e do Curso de Pós-graduação Stricto sensu em História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon.

Pesquisa Práticas Culturais e Identidades (LPPCI) com o Programa de História Oral da Universidade de Buenos Aires. Isso nos desafia a investigar algumas das mais diversas e contundentes problemáticas vividas na contemporaneidade, entre as quais experiências de exílio, deslocamentos, migrações forçadas, destierros, isolamentos e outras.

Tais perspectivas a serem trabalhadas em conjunto abrem caminhos para o diálogo e permitem aprofundar operações sobre as categorias identidade e alteridade como problemáticas históricas desafiadoras, bem como para estudar essas memórias a partir das subjetividades e olhares políticos. O diálogo teórico-metodológico transdisciplinar no campo das ciências humanas parece-nos muito frutífero na medida em que contribui na constituição de um olhar plural, do ponto de vista da História, incorporando a diferença e a alteridade como parte integrante desse fazer.

As realidades contemporâneas têm desafiado historiadores a pensar com mais atenção a vitalidade das dinâmicas socioculturais de experimentação da diferença e da alteridade como fazeres históricos. No Brasil, temos assistido com pesar ao aumento da violência e a multiplicação de estereótipos e outras marginalizações de indivíduos, grupos e minorias sociais. Na contramão, subsiste uma herança histórica de desigualdades sócio-econômicas, que contribui para a exclusão formal de milhões de brasileiros do exercício institucional pleno da cidadania. É preciso, pois, atentar de uma maneira articulada para dimensões multirrelacionais postas pela questão, no interior e a partir da riqueza de processos de produção da cultura que interagem nesta problemática.

Nesta direção, partimos da preocupação de pensar historicamente as múltiplas formas de tradução da diversidade e da conflituosidade tratadas pelos próprios sujeitos migrantes. Tomam-se como fundamentais a valorização e a incorporação das diferenças e contradições como constituintes da existência social, não obstante a pressão dos valores morais já instituídos que visam naturalizar a desigualdade e empalidecer a riqueza das bagagens culturais.

A perspectiva de trabalho sob a qual articulamos essas discussões toma as memórias ao mesmo tempo como interpretação e prática política no interior das dinâmicas socioculturais de que participamos, e não como possibilidade de informação ou reconstrução pronta sobre o passado. Entendemos essas narrativas situadas num processo dinâmico vivenciado a partir de um presente vivido e atribuidor de significados ao passado/presente/futuro. Pensamos que a história oral, mais do que corrigir ou complementar uma História tida como mais tradicional, permite-nos compreender o fazer histórico como algo em que pesquisador se coloca como interlocutor interveniente, mais do que simplesmente acumulando informações sobre grupos ou categorias antes colocadas "fora da história".

Entendemos que a história oral, assim pensada, vai além de simples prática metodológica. Temos em comum o horizonte de tomá-la como

dimensão de comprometimento político com as sociedades em que vivemos e no interior das quais nos sentimos instigados a pensar historicamente. Quando lidamos com narrativas de sujeitos nas múltiplas formas da existência social, procuramos na verdade apreendê-los na e pela historicidade em que forjam memórias e histórias de suas vivências, e não na perspectiva de dar voz às vítimas de processos de dominação que na verdade as excluem de qualquer perspectiva de mudança. Muito mais do que enxergar os testemunhos em condições e lugares sociais definidos, nos situamos na perspectiva de considerar a construção sempre conflituosa do cotidiano, nem como o terreno exclusivo da dominação nem o da soberana autonomia.

A este conjunto de posições teórico-metodológicas de investigação histórica, soma-se o repertório de problemáticas trazidas pelas investigações em desenvolvimento no interior da linha de pesquisa. Cultura e identidades, portanto, não se constituem em conceitos estanques, mas como modulações fluidas de apreensão da historicidade do cotidiano, abertas à permeabilidade das experiências e sensibilidades cotidianas, como modos de viver, de trabalhar e de morar, enfim, de produção da existência social.

Nas últimas décadas, as migrações tem se apresentado de maneira dramática sob a forma de *itinerâncias* ou *nomadismos*, por sua vez vividos tanto na região e no país, ou ainda projetados e desencadeados por imigrações, no nosso caso, tanto para o vizinho Paraguai, como para outros destinos mais distantes, como a Europa. Neste sentido, temos dedicado esforços para produzir e estudar narrativas acerca de vivências que não se restringem a meras preocupações sobre condições de origem e de destino.

Ou seja, entendemos as práticas culturais e identidades como categorias históricas, constituídas como feixes de sentido profundamente enraizados nas práticas que transformam e atribuem significados aos sujeitos individuais e coletivos em suas múltiplas temporalidades. Tal apreensão rejeita a dicotomia ou qualquer estruturação tipológica de atribuição identitária, uma vez que se apresenta como dimensões intersticiais da vida social, como gênero, etnia, geração e classe, que por sua vez também devem ser pensadas como modulações flexíveis de apreensão histórica.

O diálogo desenvolvido com a Profa. Mônica Gatica, da Universidad de la Patagônia, participante do colóquio acima citado, situa algumas dessas perspectivas de investigação comuns. Abordando processos migratórios ocorridos na Patagônia argentina, especialmente a partir dos anos 1970, Gatica destaca a relação do presente com o passado não apenas tendo o primeiro como ponto de partida para o desencadear das memórias, mas como um momento que ressignifica inclusive memórias encobertas por processos de apagamento. Escreve Gatica, em documento preliminar de intenções enviado ao LPPCI: "para nuestro análisis, tenemos en cuenta el entramado profundo y dialéctico entre el hoy y el ayer, el lenguaje y la experiencia, la tradición y el

mito, y especialmente la cultura particular en la que están insertos nuestros entrevistados”, prosseguindo depois:

La migración forzada, o el exilio que investigamos fue invisibilizado durante casi treinta años, negándosele ese status. Al iniciar desde el presente entonces ese proceso interpretativo, con nuevas reglas de juego, condicionadas por el contexto social, político y cultural, es resignificado incluso por los mismos actores.

Daí a importância atribuída pela pesquisadora ao trabalho com história oral:

Trabajamos con historia oral porque aunque nos dice menos sobre los acontecimientos, mucho nos aporta sobre el significado de los mismos; puede no agregar mucha información o datos precisos a lo que sabemos, pero nos dice del impacto, de la magnitud y del costo real que pagaron por sus vivencias. Aún las declaraciones equivocadas tienen un aspecto verídico, y puede que sea igual o más importante que el dato factual para nuestra investigación.

As investigações do Prof. Robson Laverdi igualmente têm buscado lidar com problemáticas relacionadas à migração e aos viveres urbanos de trabalhadores nas cidades do Extremo-Oeste do Paraná, a partir dos anos 1970, particularmente aquelas situadas espacial e temporalmente nas dinâmicas de ocupação engendradas pela Colonizadora Maripá depois dos anos 1950. Nesse sentido, as pesquisas têm suscitado questões sobre experiências migratórias clivadas pela itinerância ou nomadismo e outras formas de deslocamento que traduzem contraditoriedades vividas nesses espaços sociais de fronteira.

Desta feita, tal horizonte de pesquisa tem partido de memórias sobre trajetórias e vivências de estranhamentos e tensões diversos constituídos nas redes de mobilidade intra-locais, intra-regionais e transfronteiriças, que extrapolam a região e adentram o Paraguai. Tais mobilidades são compreendidas com e a partir dos viveres na cidade de Marechal Cândido Rondon. Este caminho tem possibilitado indagar versões historiográficas e memorialistas sobre tais processos que buscam forjar uma memória única, pávida e laudatória, estruturada em prol de uma estabilidade harmônica e simplificadora das situações dramáticas de luta pela fixação destes homens e mulheres nestas paragens.

A Profa. Bibiana Pivetta, da Universidad de Rosario, Argentina, também participante do colóquio, aborda nas suas investigações processos migratórios na região sul da província de Santa Fé ocorridos na segunda metade do século XX, bem como deslocamentos regionais direcionados à comunidade de Pueblo Andino e suas conseqüências na atualidade. Tais narrativas embasam um projeto de capacitação docente com relação às possibilidades de utilização da

história oral como ferramenta para a aprendizagem em situações nas quais se expressa de forma clara a diversidade cultural. Ou seja, o conhecimento provindo das investigações sobre as diferentes ondas migratórias são direcionadas não apenas *sobre* os sujeitos desses movimentos, mas as narrativas de suas próprias experiências e/ou das experiências familiares e grupais visam e possibilitam pensar as vivências escolares e outras dos diferentes grupos no presente.

Partindo de situações e realidades similares, a proposta de Bibiana Pivetta aguça-nos a estudar, de maneira comparada ou relacional, particularidades daqueles processos que constituem as diferentes realidades, brasileira e argentina, no que tange aos movimentos populacionais. As migrações/emigrações laborais e as formas atuais de experimentação da pobreza nas cidades e campos mostram-se particularmente dramáticas no início deste século XXI.

No Oeste do Paraná temos observado trajetórias de trabalhadores jovens que tem se colocado em processos imigratórios na Europa e Estados Unidos. Tais questões são abordadas pelas investigações desenvolvidas no interior da linha de pesquisa pela Profa. Méri Frotscher, discutindo migrações e experiências de brasileiros oriundos do oeste do Paraná que se dirigiram à Europa, particularmente para a Áustria. A partir das narrativas desses retornados, torna-se possível avaliar as conseqüências dessa experiência de migração no que se refere à reconstrução de identidades sociais entre brasileiros, assim como o papel desempenhado por situações vividas na sociedade de origem e na sociedade de destino. Procurando relacionar os deslocamentos espaciais com a problemática dos deslocamentos identitários, a discussão dessa migração internacional pode ser entendida não apenas como um cruzamento de fronteiras/limites no sentido político ou geográfico do termo, mas como experiências de construção de novas fronteiras, a partir de situações quando esses emigrados se deparam com barreiras econômico-sociais, lingüísticas, étnicas, nacionais, jurídicas. Sem deixar de perceber evoluções históricas mais amplas (a globalização e reestruturação do mercado de trabalho), são exploradas, a partir de estudos de caso, as experiências subjetivas do fenômeno migratório, evidenciadas pelos relatos orais. Neste sentido, entende-se que a "subjetividade - conhecimento, sentimentos, fantasias, esperanças e sonhos – de indivíduos, famílias e comunidades informa e molda a experiência da migração em todos os seus estágios, e é por sua vez transformada por essa experiência" (THOMSON, 2002, p. 349).

Alguns dos trabalhadores entrevistados exerceram atividades laborais oficialmente através de contratos, mas houve aqueles que praticaram *Schwarzarbeit* (traduzindo literalmente, "trabalho negro"), em que a contratação é feita oralmente e o salário é pago em espécie. Este tipo de

trabalho é desempenhado sem que haja qualquer tipo de registro oficial, sem o recolhimento de impostos e sem que o empregador cumpra as condições jurídicas atinentes ao seu ramo. Ao mesmo tempo em que esta forma de trabalho pode ser uma forma de sobrevivência para muitos imigrantes e, em muitos casos, um meio de obter um salário mais elevado, é um subterfúgio usado por empregadores para burlar as leis trabalhistas e fiscais e de explorar a mão-de-obra imigrante. Por outro lado, mesmo havendo um contrato de trabalho, alguns migrantes também podem ferir as leis trabalhistas, ao trabalharem jornada além da permitida por lei.

Além disso, a atual mobilidade de jovens, filhos de brasileiros emigrados para o Paraguai nas décadas de 1970 e 1980 em razão da Hidrelétrica de Itaipu ou da intensificação da concentração fundiária advinda do emprego desigual de capital e suas tecnologias no meio rural, tem posto em mobilidade de retorno a segunda geração de emigrantes de brasileiros para trabalhar, com baixas remunerações e péssimas condições trabalho, em recém instaladas indústrias de um festejado *boom* do agro-negócio regional/nacional. Nestas realidades, ainda a título de exemplo, muitos outros jovens atravessam semanalmente o Lago de Itaipu para trabalharem sazonalmente no cultivo de tabaco. A condição precária e as inseguranças quanto à cidadania plena e ou diplomaticamente regulamentada no solo paraguaio, bem como a condição de subalternidade nas relações de trabalho, a concentração fundiária que pressiona com violência simbólica as formas de posse e direito à propriedade da terra nesta paisagem social tem motivado o retorno de muitos, tanto quanto o acirramento de conflitos identitários de toda ordem, como especialmente étnicos, de gênero e de classes.

A pesquisa em desenvolvimento da mestrandia Danusa de Lourdes Guimarães da Silva investiga memórias e territórios de trabalhadores "brasiguaios" e paraguaios constituídos pela e na experiência urbana vividas na cidade de Marechal Cândido Rondon, região Oeste do Paraná, nas últimas duas décadas. A partir de relatos de moradores que passaram a viver e trabalhar nesta cidade e de outras fontes de imprensa sobre estes deslocamentos, busca problematizar experiências de suas reinserções à "nação" brasileira. Da mesma forma, investiga e analisa tensões pela e na fixação neste espaço transfronteiriço com o Paraguai, que tem se constituído a partir de incessantes lutas por trabalho, equipamentos urbanos, direitos sociais e sociabilidades. Tais processos, por sua vez, são narrados na contemporaneidade, em meio a conflitos e estigmas no campo da memória e das identidades, enquanto redes de solidariedade visíveis nas diversas e diferentes disputas pela cidade. Tal perspectiva parte da constatação de que tais viveres enfrentam os limites da negação de pertencimento em vista das escolhas pela emigração em outrora e por outras disputas no presente.

A problemática da migração/emigração laboral carece cada vez mais de ser melhor analisada numa perspectiva histórica. Os espaços sociais transfronteiriços Brasil/ Paraguai/Argentina, muito valorizados pelo insistente mercado de rotas turísticas da Tríplice Fronteira, revelam outras faces, como o do trabalho sem regulamentação legal e a cada vez mais distantes da garantia de direitos previdenciários e sociais, como é o caso de brasileiros que cruzam/ atravessam o território nacional para trabalharem no comércio e contrabando de mercadorias, ou a fixação para além das fronteiras da terra de nascimento.

As atividades turísticas desenvolvidas na região acima citada, por outro lado, possibilitam pensar outros canais de expressão da diversidade cultural, vivenciada por outros sujeitos que também vivenciam migrações e deslocamentos. A pesquisa que está sendo desenvolvida pela Profa. Geni Rosa Duarte com músicos argentinos, brasileiros e paraguaios que vivem e atuam na chamada Tríplice Fronteira (abarcando a região compreendida ao redor das cidades de e Puerto Iguazú, Foz do Iguazu e Ciudad del Este) explicita outras dimensões das vivências de deslocamentos e erradicações. A partir das narrativas desses músicos, bem como da análise de suas produções musicais, torna-se possível apreender uma diversidade cultural que se expressa nas produções musicais regionais, combinando ritmos, vozes, instrumentos, linguagens, etc., ou transformando todos esses elementos em algo *novo*, recriado a partir dessas experiências de troca e experimentalismos. Importante ressaltar que, embora tais elementos se constituam num conjunto amplo e heterogêneo, não podem ser tomados enquanto totalidades, ou seja, como algo “característico” da região, congelado no tempo e no espaço, mas como algo necessariamente passageiro, temporal, que se modifica à medida que esses músicos vão se deslocando, dialogando entre si e inovando / experimentando a partir do contato com o *outro*. Pensada não enquanto *reflexo*, a linguagem musical também produz suportes através dos quais seus atores e interlocutores – músicos, cantores profissionais e amadores, apreciadores, turistas, etc. – expressam suas vivências, constroem memórias e códigos de identificação entre si, podendo inclusive desfazer fronteiras de nação, classe e étnicas, elaborando novas visões de mundo. A fronteira não se apresenta como espaço que separa, mas como possibilidade de encontros, narrados por esses músicos repensando suas vivências (migrações, relações familiares e sociais, experiências de trabalho com a música, religiosidade, militância política, etc.), ressignificando questões do presente vivido.

A realização do colóquio possibilitou a discussão das pesquisas de Pablo Vommaro, da Universidad de Buenos Aires, abordando experiências de ocupações de terras e assentamentos em solo urbano na região de Quilmes, na Grande Buenos Aires. Diferentemente das ocupações que resultaram nas chamadas “villas de emergência” (comparáveis às nossas favelas), Vommaro

se detém sobre outras experiências, hoje integradas no contorno urbano da cidade, ressaltando o fato de que foram realizadas de forma coletiva, organizada e planejada, mantendo-se o traçado urbano de ruas, quarteirões e lotes, e preservando espaços de uso comunitário. Sustenta a hipótese de que essa experiência de organização social baseada no território é um marco fundamental em diversos sentidos: por um lado, na construção de organizações sociais com base territorial e comunitária, ainda hoje existentes, e por outro, tornaram-se exemplos para outras iniciativas que se desenvolveram posteriormente na mesma região. "Así, estas tomas abrieron también una nueva estrategia de los sectores populares para acceder a la tierra y la vivienda propia, en una época de profundas transformaciones políticas, sociales, económicas y culturales, tanto a nivel nacional como internacional", conclui.

Pareceu-nos instigante essa proposição de Vommaro. Investigar narrativas acerca de vivências de movimentos de ocupação e transformação da paisagem social, inspira-nos a compor possibilidades de problematização do chão sócio-cultural das vivências de êxodos e outros deslocamentos que marcaram e ainda continuam marcando profundamente o viver das populações pobres de pequenas e médias cidades do Oeste do Paraná matizadas pelas narrativas de seus protagonistas. Traduzimos uma compreensão da cidade como categoria da prática social e não apenas cenário. Se assim nos colocamos, mais do que um palco sombrio para os assentamentos humanos na contemporaneidade, a cidade é transformação produzida por sujeitos em disputas políticas de direto à cidade e a outros pertencimentos e fazeres territoriais.

A proposta de Pablo Vommaro deixa-nos entusiasmados com a possibilidade de lidar/aprender com suas investigações sobre ocupações e outras territorialidades afirmadas politicamente na grande Buenos Aires. De algum modo, temos realizado pesquisas sobre trajetórias migratórias que procuram sair da trama dicotômica que toma o rural em oposição conceitual ao urbano. Daí decorrem nossas expectativas de lidarmos em conjunto com problemáticas que buscam apreender conflituosidades, pensando-as como formas de ocupação cidadinas pelo viés da subjetividade, que entendemos não estarem separadas do fazer político tanto como ações coletivas organizadas, quanto surdas e não organizadas.

Algumas dessas questões estão presentes na pesquisa do mestrando Raphael Pagliarini, que investiga memórias e práticas de moradores na perspectiva de pensar reelaborações culturais que constituem a experiência urbana de Marechal Cândido Rondon de 1970 até os dias atuais, ou seja, desde que a cidade deixou para trás sua principal função de articuladora político-administrativa da vida rural até os dias atuais, com as marcas recentes da empreitada agroindustrial, que tem atraído novos migrantes.

Embora atualmente travestida nas esferas de poder com uma aura

essencialmente urbana, na cidade sobrevive e reelabora viveres e práticas remanescentes do passado rural. A pesquisa vem discutindo usos e sentidos de permanência de valores e saberes próprios dessa passada vida rural, atenta para disputas simbólicas que dão colorido aos viveres e práticas cotidianas. As disputas delineiam territórios e reencenam maneiras próprias, muito diferentes das proposições da agenda de industrialização elaboradas no âmbito dos interesses econômicos e políticos das elites. Ao mesmo tempo a cidade se abre às expectativas de reinserção para muitos trabalhadores e a vida urbana se produz numa esteira de tensões, carências e reivindicações.

Outras questões são levantadas pela pesquisa desenvolvida pelo mestrando Jorge Pagliarini Júnior, abordando as histórias de vida de moradores do reassentamento São Francisco de Assis, fixados na cidade de Corbélia depois de um longo período de luta em decorrência do alagamento das áreas onde viviam anteriormente pela construção da barragem de Salto Caxias. Lidando com questões identitárias envolvendo tanto os reassentados como os moradores mais antigos da cidade que passam a conviver com os recém-chegados, a pesquisa se volta para o cruzamento de diferentes fontes, como as da CRABI - Associação de Atingidos por Barragem do Iguazu - e documentos oficiais da estatal que organiza o projeto - COPEL- Companhia Paranaense de Energia - além dos depoimentos orais realizados em 2004 e 2008. Assim, aos posicionamentos presentes em entrevistas realizadas há quatro anos, principalmente o discurso do direito à terra e de união dos moradores reassentados, reafirmado diante do governo e dos moradores de Cascavel e Corbélia, já se somam outros. Hoje, conflitos despontam diante de questões políticas internas e mesmo geracionais. E se hoje as confusões entre reassentados e assentados, sempre lembradas por moradores do São Francisco, diminuem, outra problemática desponta entre os supostos “estabelecidos” e os “de fora”: a venda de terras. Na previsão de muitos, as terras do reassentamento estão fadadas ao latifúndio, o que tornaria impossível ao movimento dos atingidos por Salto Caxias resistir, tanto em função das divergências internas quanto em decorrência da especulação imobiliária da região.

Isso nos aponta a necessidade de discutir o próprio aporte teórico-historiográfico da modernidade, que por vezes desmerece a força das relações sociais e empobrece a teia de significados produzidos na e pela experiência das forças em confronto na contemporaneidade. No Oeste do Paraná, de onde partimos nossa compreensão, as matizes de uma dada modernidade acabaram por positivar e ainda positivam os movimentos de ocupação dramáticos desta região mais acintosamente desde os anos 1950. E mais intensamente enquanto alta concentração fundiária depois dos anos 1970, tendo sua situação agravada depois dos anos 1980 pela construção da Usina

Hidrelétrica Binacional Itaipu, Brasil-Paraguai, que pôs em diáspora mais de quarenta mil pessoas, direta e indiretamente.

Pensado o rural, portanto, a partir o conceito de modernidade, deparamo-nos com movimentos de apagamento de memórias que não estejam alinhadas a uma explicação racional desses aportes. Nesta problemática, o mestrando Gilson Backes vem se dedicando a pensar na produção do silêncio social e historiográfico referente ao período produtivo da hortealã, principalmente no espaço de atuação da Colonizadora Maripá, na fronteira com o Paraguai. Procurando problematizar o cotidiano de trabalhadores das lavouras de hortealã através de suas narrativas sobre a reorganização física e simbólica do espaço, percebem-se práticas culturais cotidianas que dão significado às suas trajetórias, migrações, trabalho, festas, religiosidade e lazer, entre outros aspectos. Procura-se, assim, através da história oral, problematizar as relações entre diferentes grupos, principalmente quando um grupo, que chega no início da ocupação, busca constituir uma identidade hegemônica para ser incorporada por todos os moradores da região. É inquietante perceber que outros grupos, como os *paraguaios* e os estigmatizados *nortistas* são excluídos das memórias sobre a região. Estes sujeitos, através da sua força de trabalho, transformaram a paisagem social e natural do espaço, acarretando numa mudança sociocultural. No entanto, a memória tida como oficial nega a presença dos mesmos.

Como nos tem inspirado o historiador E. P. Thompson, lidamos com a modernidade como um problema histórico que não a vê em si mesma, mas a partir e nas forças relacionais dos conflitos vividos. Noutras palavras, situamos-nos a apreender resistências, reelaborações e resignificações do viver urbano do presente como experiências históricas.

Nas investigações que desenvolvemos, portanto, portanto, temos procurado lidar com as dimensões relacionais do viver urbano como sobrevivências e/ou reelaborações de formas da cultura rural, constituintes dos fazeres sociais citadinos, lidando, assim, com migrações, deslocamentos e trajetórias de vida itinerantes (nomadismos) e outras formas reassentamento de trabalhadores rurais nas fronteiras com o urbano em situações de contato/conflito entre diferentes bagagens culturais. Embora não investigado de maneira direta movimentos sociais organizados, no referido colóquio tivemos também um diálogo com o Prof. Davi Felix Schreiner, da linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais, abordando experiências coletivas de solidariedade e reciprocidade vivenciadas no âmbito do MST, notadamente nos assentamentos rurais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

THOMSON, Alistair. *Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Humanitas/FAPESP nº 44, vol. 22, 2002.

Artigo recebido em 08/07/2008

Artigo aceito em 08/08/2008